

Diario de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel. 2194 e 2195-C.—Esd. Teleg. DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDAÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redação, administração e oficinas

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Rua do Souto, 43

Junqueiro fica hoje nos Jeronimos, Panteon improvisado numa nave com cinco seculos, ao lado de João de Deus e de Garrett, pertinho de Herculano e de Camões, sob as abobadas que ouviram o sonho da India e conheceram todas as epopeias da Patria.

Que todos os homens que têm filhos pequenos lhes ensinem a começar de hoje a ler e a respeitar o nome dêsse português que acreditou em Deus e na Patria, no Amor e na Beleza, e morreu serenamente como um justo.

De toda a obra de Junqueiro recolhemos o trecho tão simples e tão bello do «Cavador de Setubal» e damo-lo aos nossos leitores que porventura o desconhecam, como uma das paginas mais perfeitas e mais deixadas e a um tempo mais profundas, da literatura portuguesa de todas as idades.

Que titulo augusto, que nome ideal para um vivente,—o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira.

Quer os globulos do sangue, quer os blogulos astrais movem-se por musica.

Um sol é um órgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-na, a optica descreve-a, mas defini-la só o canto. O canto, mathematica viva, eis o revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o cantador, ser a voz da agua e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusorios e dos soes, das nebulosas e dos atomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor, a lagrimal! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genesicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades maravilhosas! Cantar as formas e as essencias, numeros que dizem ideias, linhas que desenham espiritos! Cantar a marcha heroica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Golgota do Sêr, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidavel que a natureza leva aos ombros! Cantar, emfim, o amor e a dôr, o drama religioso do universo. E o drama do universo cantá-lo ao universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! não ter outro nome. Quem és? O Cantador. Quem te criou? A vida imortal. Onde nasceste, onde moras?



Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o ultimo suspiro mandá-lo á vida imortal, no seu ultimo canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setubal!

Tu foste, na tua ignorancia, a alma lirica e luminosa dos desertados e dos simples. Foste o eco risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto do cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monotonol! Embora. A raiz chupa ao lódo a flôr que nasce na vergontea. Tu, do lódo da vida, extraiste a canção que é a flor em musica. Mas a flôr vem de ano a ano, e tu andas florido, que primavera! ha mais de meio seculo.

Es o Cantador! És o Canta-

dor! Por mais de meio seculo, ao ritmo do teu macete martelando no escopero, aparelhaste barcos e canções: barcos levando esperanças e miserias, canções levando lagrimas e risos. E que são barcos senão harmonias fluctuantes? Uns em aguas cristallinas deslizam como idolos, outros, como epopeias, sulcam vórgens e tormentas. Sob o esplendor de ocasos outonais, recordo-me de ver em baías ermas, galeras melancolicas, a concha sinuosa, os mastro nus e fugitivos, aericamente destacando, á luz ideal, as cordas leves e purissimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar...

Mas agora dou fé que, sem

querer, estou cantando e não recebes o canto.

Falar-te-hei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado Cantador de Setubal. Os grandes poetas são os grandes homens e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela innocencia, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exalla-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso dum matagal inculto, que nasceu entre pedras. O vicio não te manchou, o crime não te desonrou. Ganhaste com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericordia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lagrimas piedosas os tormentos do mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, miserias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspiste no dolo e na tirania. Bondade ingenua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortais, á hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguem;
Se acaso fiz algum bem,
Não estou disso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoais;
Todos seremos iguais
No reino da eternidade:
Na balança da igualdade
Deus sabe quem pesa mais.

Sim. Na balança invisivel da igualdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas illustres, já consagrados pela historia. Maior do que eu és tu, sem duvida. Maior, porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendo sê-lo muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em ti a beleza unica, a beleza moral.

Cantador humilde, Cantador velho, em paga do meu afecto, manda-me de longe a tua bênção.

PAGINAS QUE FICAM

PRESTITO FUNEBRE

DO LIVRO "OS SIMPLES" DE GUERRA JUNQUEIRO

Que alegrias virgens, campezinhas, fremem
N'este immaculado, limpido arreboll
Como os galos cantam!... como as noras gemem
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e novo passarinha o sol!...

Pela estrada, que entre cerejeas ondas,
Uma pequerrucha, — tro-la-ró-la-rá! —
Vae cantando e guiando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh, que donairoza, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrishinho arisco...
D'agulhada em punho lepidia caminha,
Com a graça aerea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveola, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas;
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rosca trez canções vermelhas,
Na agulhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esvelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéu é palha que inda ha um mez deu trigo,
A saíta é linho inda ha bem pouco em flor!

E os dois bois enormes, colossais, fleugmaticos,
Na aleluia imensa, triumphal, da aurora,
Vão como bondosos monstros enigmaticos,
Almas por ventura d'ermitões extaticos,
Ruminando biblias pelos campos fóral...

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grilhetas, quer de inverno ou v'rao
E, submissos, uma pequerrucha os guia
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As boninas riem-se e amadura o pão!...

Levam as serenas frentes magestosas
Enramalhadas como dois altares:
Madresilvas, loiros, pampanos, mimosas,
Abelhões ardentes desflorando rosas,
Borboletas claras em noivado, aos pares...

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobiam nos trigas além...
Heras amortalham-no em seu verde manto...
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadaver, que até cheira bem!

Musgos, lichens, fetos — chimica incessante! —
Fazem montões d'aimas d'essa podridão...
Já n'esse esqueleto secco de gigante,
Sob a luz vermelha, n'um festim radiante,
Mil milhões de vidas pululando estão!...

Sempre á fortaleza casa-se a doçura:
Como o leão da Biblia morto n'um vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura,
Um exame d'oiro rutilo murmura,
Construindo um favo candido de mel!...

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando estranhas, incubas visões!...
Pousam-lhes nas hastes, vêde, os passarinhos,
E por sobre os longos, torridos caminhos
Dos seus olhos caem bençãos e perdões!

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sob o qual dormiram séstas estivaes?
Almas do arvoredo, o seu olhar plangente
Saberá acaso misteriosamente
Traduzir as linguas em que vós falaes?!

Castanheiro morto! que é da vida estranha
Que no ovario exiguo d'uma flor nasceu,
E criou raizes, e se fez tamanha
Que tresentos annos sobre uma montanha
Seus tresentos braços de colosso ergueu?!

Onde a alma, origem d'essas fórmias bellas?
Em tão varias fórmias que souhou didizer!...
Qual a ideia, ó alma, convertida n'ellas?
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
Que apparencias novas tomará teu ser?

Noite escura!... enigma!... Ai, do que eu preciso;
Boeirinha linda, linda d'encantar,
E' d'essa innocencia, d'esse paraíso,
Da alegria d'oiro que ha no teu sorriso,
Da candura d'alva que ha no teu olhar!...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
Quem me dera a vossa mansidão cristã!
Arrotear os campos, fecundar a vinha,
E nos olhos garços d'uma boeirinha,
Ter duas estrelas virgens da manhã!...

E tambem quizera, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar tresentos annos sombra aos pegureiros,
E n'um lar de choça, em festivas braseiros,
A aquecer velinhos, desfazer-me em luz!...

S. CARLOS Telef. C. 5063

Por ser considerado de luto nacional o dia do
hoje, em consequência da morte do glorioso poeta
Guerra Junqueiro, a Empresa Lucilia Simões-Eira
em Braga, não dá espectáculo esta noite.

ZAZÁ

por LUCILIA SIMÕES.

Ante-luzes 0500. Prinas e camarotes 2500 e 15500

Tercer-feira Feita de LUCILIA SIMÕES — A
representação da peça CASA DE BONELA.

Espectáculo do professor ANTONIO FINEIRO

AVENIDA PARQUE

(Antigo Parque Mayer)

AMANHA, domingo — A's 4 h. da tarde

Inauguração

FUNCIIONANDO COM AS INS-
TALAÇÕES JÁ CONCLUÍDAS
TODAS AS NOTES, CONCERTOS DE
BANDA, ORQUESTRA OU JAZZ-BAND

POLITEAMA

Amanhã

Grande exito

ORDEN DE MARCHA

Amanhã volta a representar-se em duas

sessões no

EDEN TEATRO

a graciosa e deslumbrante revista

CALDO VERDE

que constituiu o maior exito da actualidade.

Amanhã — Domingo

1.ª representação (nesta época) da revista

BICHINHA GATA

em o NOVO QUADRO

Ontem, Hoje e Amanhã

no

TEATRO AVENIDA

A's 9 1/2 da noite

APOLO Telefone n.º 4120

AMANHÃ — DOMINGO

A Morgadinha de Val-Flor

COMPANHIA PALMIRA BASTOS

TEATRO MARIA VITORIA

(Avenida Parque Mayer)

HOJE — Sabado, 14 — HOJE

às 8 3/4 e 10 3/4

Extraordinario exito! — Duas atraentes

sessões com a fantasia-revista

FADO CORRIDO

Carreira triunfal! — O successo mais in-

discutivel dos ultimos tempos!

Amanhã no

Nacional Telef. N. 3049

volta a representar-se

A VIUVA GOMES

ARTIGOS
E
INFORMACOES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

UM BELO ARTIGO

INTOLERANCIA

LISBOA MODERNO

A OBRA de Junqueiro vista por Leonardo Coimbra

A C. G. T. não se incorpora NOS FUNERAIS DE JUNQUEIRO

das Avenidas novas e a Camara Municipal

Páginas de destaque sobre Guerra Junqueiro, só o tempo se pode dar, pois é impossível escrevê-las precipitadamente, sob a impressão terrível da sua morte. Porém, entre o muito que se tem escrito já sobressai magnificamente, um artigo de Leonardo Coimbra, publicado no *Primeiro de Janeiro* e que dá, com inteligência e verdade, da genial obra do Poeta uma visão larga e profunda.

Lamentamos não podermos transcrever, na íntegra, o belo artigo do ilustre escriptor Leonardo Coimbra é uma individualidade em destaque, nada banal no nosso meio literário e o seu sonho creador tem um grande poder suggestivo que se umas vezes é nebuloso como um crepusculo à beira-mar, outras vezes é claro e límpido como um regato em seccão.

A obra de Junqueiro apparece dividida, em tres partes, diz Leonardo Coimbra: *a parte poetica, a parte de lirico enternecimento junto do cortejo dos simples, e uma ultima parte de reconstrução espiritualista.*

Na parte poetica: *A Velhice do Padre Eterno, a Morte de D. João e a Patria.*

O periodo de serenidade lirica é marcada pelos *Simples*.

Do periodo de reconstrução espiritualista pertencem as *Orações* e alguns excertos do seu sonhador livro de filosofia.

Leonardo Coimbra passa, depois, a analisar cada uma destas partes da obra de Junqueiro.

Referindo-se à *Patria*, Leonardo Coimbra afirma:

A *Patria* é *uma visão historica, parcial e diminuta, onde apenas o louco, com um livro na mão e que não sabe lêr, tem a grandeza judica dum povo á espera do Resgate.*

De resto, o *regate* é a República e como dá ao quadro as *proposições restrictas dum episodio politico*. Depois analisa a *Velhice do Padre Eterno*, sobre a qual tem, entre outras, a seguinte opinião:

Na *Velhice do Padre Eterno* o Poeta ataca a *Egreja Catolica* com a tolerancia de quem deixa aos que ainda não sabem qual é o *Povo* a tranquilidade das suas crenças.

A grande contradição a apontar seria a *promessa de deixar aos ingenuos as crenças, na introdução, e lançar no texto o machado ás raizes de todas ellas.*

A *Velhice* é inferior como *satira*; a sua ironia, quando existe, nunca é de ordem transcendente.

Analizada a *Velhice*, Leonardo Coimbra passa a criticar a *Morte de D. João* — e afirma, a propósito, o seguinte:

Aqui o poeta propõe-se dar a tranquilidade aos lares ameaçados e o socorro aos pais dos meninos tentadores. Mas, então, e só para castigar o desgraçado D. João que Junqueiro vai fazer o poema? Não seria melhor um esforço em prosa e nas paginas do *codigo penal*?

Depois sobre os *Simples* — o mais belo livro do Poeta — Leonardo Coimbra afirma:

É um livro eterno — não é melhor nem pior que os outros livros de eternidade. É a palavra humana saindo dum coração, que contacta Deus.

És porque Junqueiro não é o maior poeta, porque o critério da quantidade não se aplica ao espirito, mas é um Poeta, na alta significação da palavra.

Doenças da boca e dos maxillares
Extracção de dentes e raízes
com anestesia — Dentes artificiaes

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, L.

Como o operariado responde a Raul Brandão

Numa das reuniões da grande comissão organizadora dos funerais de Junqueiro, com todos os seus membros presentes — poetas, prosadores, jornalistas «gente da burguesia» — ia-se aventando a ordem a seguir no premitido, e alguém lembrava, nestes termos pouco mais ou menos:

— Depois seguem os senhores almirantes... E a seguir aos senhores almirantes seguem os senhores generais... e depois seguem os se-

manifacção proletaria, chedecendo assim os seus principios, que não se coadunam com espectaculosas exhibições de um falso sentimento de dor.

Isto lê-se e não se acredita. Um spectaculo exhibição de Dor um prestito funebre! Naturalmente; mas que são todos os cortejos operarios de protesto, de supplica, de manifestação, de solidariedade, de espirito funebre se não «spectaculos», propostada e sistematicamente organizados, com quanto mais ruido melhor para exteriorizar um sentimento de revolta ou um sentimento de dor?

Quem usa e abusa das manifestações spectaculosas são os operarios — e não é isso que lhes fica mal. É uma prova de consciencia, e um orgulhoso testemunho de força.

E que bela oportunidade tinha a C. G. T. de provar a sua isenção, a força espiritual do seu sentimento, e até a sua restea de cultura intellectual ligada à sua restea de cultura social? Como a mancha dos trabalhadores no cortejo amoteciario os atavios negros e severos dos «burgueses» da politica e das letras!

Mas não. Fomos ouvir o secretario geral da C. G. T., o sr. Santos Arranha. Eis o resumo do que nos disse o confederalista:

— Não aceitamos. Não vamos. Temos devorçao por Junqueiro. Os operarios leem-no bastante. Os *Simplies* e a *Velhice* raro é o operario que sabe lêr que os não conhece. Mas não colaboramos nesta manifestação funebre...?

— Neste momento em que se prendem operarios e se passam buscas domiciliares, com motivos terroristas, não achamos justo cooperar nesta parada de forças.

— Pelo sr. Raul Brandão também temos consideração. Mas nem lhe responderemos sequer ao officio, que era muito amavel, mas que foi emanado do ministerio do Interior. Somos apenas um reflexo da classe operaria que está sendo ofendida pelo governo.

Fica em synthese exposto o pensamento do secretario geral. Continua a não se perceber. Que tem o culto por um Grande Homem, e o proprio testemunho de sentimento de uma classe, com a obra de repressão do governo? Então o estado normal da classe operaria não é, racionalmente, de guerra com o governo? Então não é já sabido, hoje e sempre que o governo tem a função de castigar os abusos da liberdade e o crime da bomba, e não é também do conhecimento do operariado que o governo não pode, logicamente, actuar os termos violentos com que elementos anónimos do trabalho julgam realizar uma obra de justiça e de protesto?

Então para um operario consciente, intransigente, digno e incapaz de atreioar a unidade moral da sua classe, se poder incorporar no centro de uma grande figura da Humanidade — é preciso primeiro que o governo faga as pazes com os criminosos, ou de a C. G. T. a liberdade de apregoar todas as violências e de suprimir o espirito de justiça na propria prosa do seu orgão porta-voz?

Respeitadores de todas as aspirações, e herenciais de todas as formulas da acção justiciera, bastas vezes nos curvamos perante certos protestos do operariado, ainda quando nos encontramos em campos de doutrina diversa — o que succede quasi sempre, graças a Deus. Aliamos a nossa opinião e ao nosso sentimento um espirito de tolerancia, essa tolerancia que os operarios não empregam para seu uso proprio.

Mas com a attitude expressa pela C. G. T. não ha tolerancia possivel. E confrangendo vêr uma classe operaria orientada por elementos relapsos ao bom senso e aos interesses morais e espirituais do operariado português.

Para ganhar um pão é necessario um dia. Tera muito sono, tem? Ou pílulas, degraçado, não se dettar ali, debaixo duma kway, á sombra dum cipreste!

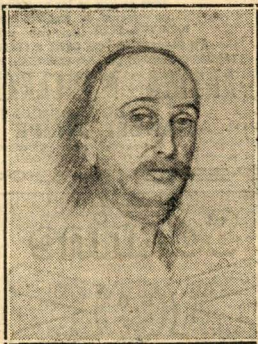
E o rude prolarrio, lançando o olhar maldito á cruz do seu calvario, levantase d'um salto e põe a chuchada ao ombro...

E Raul Brandão redigiu e assinou o officio para a C. G. T., convidando-a a tomar parte no funeral. Raul Brandão não é politico, não é capitalista, não é agente do governo. É um pensador, um membro de uma comissão intellectual e um amigo dos Pobres.

Que respondeu a C. G. T.?

Dizia a *Batata* hoje, referindo-se a uma noticia do *Diario de Lisboa*:

«Devemos declarar que aquelle organismo, (a C. G. T.), embora tivesse sido convidado, não colaborará nem»



RAUL BRANDÃO

nhores altos representantes das Associações Industriais e Comerciaes... Depois os senhores deputados...

A voz calma de Raul Brandão disse cortando o enterro:

— E' preciso também covidar designadamente os operarios a tomarem parte. Entendo que se officie á Confederação Geral do Trabalho.

O autor dos *Pobres*, aquele de quem Junqueiro dizia que «colocionaria d'ora deixou assim aos operarios portugueses um pretexto magnifico, eloquente na sua mudez, de provereem aos burguezes a sua força calma, o seu sentimento em contraste com o abandono de que, mal ou bem, foi a burguesia intellectual acusada durante a permanencia do Poeta na Basilica.

Talvez que Raul Brandão se lembrasse daqueles versos, que são um hino de respeito ao sacrificio ingente e constante, ignorado dos trabalhadores dos campos, irmãos dos trabalhadores das cidades.

«Para ganhar um pão é necessario um dia. Tera muito sono, tem? Ou pílulas, degraçado, não se dettar ali, debaixo duma kway, á sombra dum cipreste!

E o rude prolarrio, lançando o olhar maldito á cruz do seu calvario, levantase d'um salto e põe a chuchada ao ombro...

* * *

6 HORAS
DA
TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS
DA
TARDE

ENTRANDO NA HISTORIA

Já repousa nos Jeronimos o poeta Guerra Junqueiro

A GRANDIOSIDADE DOS FUNERAIS

O Parlamento está de luto. A janela de honra sobranceira ao largo, dominando José Estevam, drapejada de negro, negro franjado de ouro, deixa cair obliquamente sobre o marmore jaspeado das colunas doricas um longo crepe. O edificio, assim, branco ao sol, branco calcario, com a sua tarja negra, lembra impressivamente um cartão de pezames.

Ha um sol doente no ceu enfermo, embaçado de nuvens, desde que Junqueiro morreu, e que dá aos grandes espaços da rua deserta, uma gravidade, uma oculta emoção, a ansiedade do que se vai passar. Na avenida que vai dar ao rio, todos os candieiros têm crepes, crepes eternos, historicos, que já serviram no enterro de D. Carlos, de Sidonio Pais, quem sabe mesmo se no de João de Deus.

Das cinco portas do Congresso, duas estão fechadas ainda.

Lá dentro a decoração é sobria, prejudicada pela manhã ofuscante e fresca dos marmores. Cada coluna, cada arcada da ogiva, está vestida de negro. Contrasta em emoções.

A meio do atrio, entre quatro velas altas, de chamas palidas e pequeninas, corolas douradas de malmequeres, assente sobre quatro leões, fauces escancaradas, prendendo esferas argentees, sem crepes nem lutos, a urna onde está Junqueiro. Sobre ela, a bandeira nacional, lisa, escorrendo um crepe. Guarda o cadaver na ultima vigilia, na ultima hora; pouca gente.

Os estudantes são estatuas, grandes corvos de azas cansadas, a espreitar a noite, a noite cheia de claridades, a noite que traz a aurora nos flancos dormientes, fulgurantes de cores liquidas, de arrebois, febril e ansiosa de eternidade, que está ali em Junqueiro morto. Inclinaram-se para ele os estudantes. Há um verso dos *Simplex* em cada boca muda. Quem sabe, mesmo, se nalgum espirito, no meu porventura, como um sacrilegio cortado de beleza, não nasceu a ideia de abrir a tampa daquele caixão, para adivinhar, para vêr o cadaver do poeta. Descarnado já? Preso da vida misteriosa das larvas? Oh! Não! Não! Daqui a seculos, aberto aquele cofre, não haverá cinzas, nem pó, nem lama, mas sim, a mesma mascara, de ouro eterno, sequinha, diminuida, de linhas fugitivas, cabelos velhos, barbas dispersas, a dormir, a dormir, como morreu.

A nota curiosa é a das cem bandeiras vendidas, as cem bandeiras dos liceus e escolas do país, levantadas umas, deitadas outras, de hastes em tanto lanças, entre o atauda e o catafalco. Bandeiras trazidas de longe, de todo o Portugal, para ali, bandeiras erguidas por mil mãos, cansadas do sol, azues, como horizontes maritimos, brancas, como penugem

de cisne, vermelhas, como pionias, de amarrante, de esmeralda, arco-iris esmigalhado, douradas faubante, que lembra os brazeiros, acessos de cór, dos versos do poeta sagrado e ungido pela morte.

Ao fundo do atrio, o busto da Republica. Pequeno para a palavra. E, vulgar e de gesso, Junqueiro, devia ter um de bronze. A tiracolo puzeram-lhe um crepe.

Mais estudantes, de capas de anforinhas, quietas ou mortas de saudade, já sem sol.

Afinal só elas puzeram sobre o caixão, transformando em rosas o pão ingrato de todos nós.

A saída do prestito

Cinco horas da tarde.Silencio! Vai sair o funeral! A Avenida das Cortes é um mar ondeado de cabeças. Ha silencios no ar! Ha comogão nos corações! Lá atrás, na rectaguarda do Palacio do Congresso, repousam, uns aos outros a servir-se de travesseiro, os rapazes que vieram do Porto e de Coimbra. Puzeram-lhes uns tantos logares á disposição no comboio; mas vieram quantos cabiam; a abarrotar, sem dinheiro, sem nada que o dinheiro valhalha. Apenas, as capas negras a servir-lhes de emblema, apenas a sua grande alma de soldados do ideal a abroquelar-lhes a inercia prestes a desfalecer...

—Cansados?

—Fudera!... Mas hemos de ir até ao fim! N.m. que tudo se perca; mas não deixario os rapazes de afirmar, até ao fim, a emoção que os trouxe aqui. Emoção da raça! A Patria a vibrar no entusiasmo da nossa juventude!

Passa a tropa. Clarins a diante, em tom marcial. Antecedendo-os, ha um homem de luto, embriagado de som e embriagado de cór; desapromou-se-lhe o espirito. E vai recitando versos; e vai, endoidecido, a marcar o compasso ao andar dos infantes, feito bojo do rapazio no seu desvaio sincero do povo.

Nas ruas cheira a rosmarinho e cheira a alecrim... Está o ar perfumado daquele perfume que lembra os campos de Portugal e que lembra as canções da nossa terra.

Aqui e acolá as tropas perflam-se em continencia. Ha vezes de comando que põem as armas em funeral; ha evoluções de tática que parecem coisas de sonho!

O sol dardeja raios de fogo e reamalgama da multidão! E' grande! E' muito grande tudo isto! Lá m cima, o espaço, andas os avadordes a adejar sobre nós seu cantico de aguas; nas janelas, nas ruas, nos esconhos, ha mulheres lindas que se vestiram de preto, a chorar a perda do homem que foi para Portugal um emblema de gloria, que foi para a raça o expoente maximo da valhardia mental.

Belem! Muito antes da hora a multidão acotovelava-se. Vibram no portico sagrado em terra doce as figuras hieraticas dos santos. As virgens unem mais as mãos piedosas. Ardem as piras monumentais. A figura linda, espirital de Columbano passa como a sombra da sua propria gloria futura, por entre as gentes, a dar pequenas indicações da beleza da sua terra. A artilharia está a postos na Junqueira. O mar azul está quietissimo. O sol cai, decai, esplendidamente. Nos concavos da talha em pedra, como nos relevos dos tumulos do seculo XII,

a poeira de quatro seculos estremece, acorria — e vem ver o prestito. Dentro do templo, onde o silencio fala ás almas, quatro grandes figuras aguardam Junqueiro:

Garrett, João de Deus, Herculano — Camões.

Nos Jeronimos

Dobram os sinos dos Jeronimos a finados! Chegou a Patria em precissão! A catedral é de ouro, toda em marmore delicado! Cai a tarde com sombras, em deliquios de sangue sobre o rio! Toda a atmosfera está cheia de azas de som, que se crispam freneticas, que se alastram, que se enroldilham, e sobem aos vertices dos colunelos em espirais de dolorida harmonia.

Sobre as piras altas enlutadas, em caçoilas de bronze, alcatraz e incenso, fumejam! São crepes! São sombras, na sombra paralitica da tarde!

Na perspectiva imensa da rua, a boca enorme do povo, os seus olhos colossais, como lagos, cheios de lagrimas, o seu corpo de oceano, representado em mil vagas, tempestade num instante acalmada, sobre o horizonte luzido da terra.

O armão avança lentamente, como um feroz, vogando suspenso sobre mil almas. O largo não contém o povo. O povo é a onda a onda negra que cai sobre si mesmo, refliui, sobe, penetra as moleculas do espaço, alarga-o, calca a tropa, esmigalha, não tem diques, nem costas, é já uma tromba, já um ciclone, já um simiuim.

São os estudantes que retiram a urna sagrada do armão!

Há ternos de clarins e corneteiros que fazem o toque de continencia. A muralha de tropa, aquela que resistiu, que se não desmoronou como uma ameia, apresenta armas.

O povo destruiu o protocolo. Vão confundidas as fardas dos officiais, os *tracks* dos politicos, as condecorações dos diplomatas. Sob o portico rendilhado, sob os santos, sob a esfera armilar, sob a cruz, sob os baldaquinos, sob o oriente, sob a India, um rio imenso de gente passa, entra em redomoinhos, dispersa-se, converge, irradia e centralisa-se. Uns de pé,

levados no ar; outros amassados, lama, massacrados, vão resistindo sempre, vão entrando, entrando. A guela do portico é pequena. Um instante receia-se que o marmore fenda, que o portico se estilhace como uma cratera fechada de vulcão.

Sobre a alma dos vivos que chora e soluça, sobre a onda do povo ha um silencio. E' a guela do canhão vomitando fogo. E' a salva sagrada. Foi já a primeira, agora é a segunda. Os Jeronimos rosoam, com uma concha maritima ferida pelo barulho do vento.

E' agora que Junqueiro entra pela porta principal, ao fundo da nave, já levado pelos ombros de todos, faz como uma folha de rosa. Todo o coro estremece, palpita. E' Beethoven que chora. Caiem os graves sobre o alabastro do templo.

Gargulas e calabros, rosaceas e palmares, a floresta inteira que abraça curvilinamente com as suas ramagens luminosas de manuelino o tecto, ao ouvirem Beethoven, recbendo no seu seio a galera do Genio que já passou a nave e que fundeja agora entre a capela de D. Sebastião e do Infante D. Henrique, entre a Paixão e a Acção, entre o Sonho e a Epopeia — são como uma floresta grandiosa calada ha muito, e que o ouro, a harmonia e a vida duma aurora singular, percorressem e desenranhassem peregrinas vozes.

Junqueiro está já sobre a eça. O altar-mor foi fechado. Cai opala, cai roxo, cai nacar, cai lilaz, dos vitrais luminosos das rosaceas, jardim aberto na curva do espaço.

Lado a lado da eça, nas cadeiras, a familia do morto, o governo, o corpo diplomatico, o ministerio, tudo menos o povo que ficou lá fóra da egreja.

A cerimonia religiosa

Um grande silencio, uma sombra apagada, matizada de cores sombrias. Calou-se a Filarmonia de Lisboa. Faz agora a encenação do corpo Monsenhor Gonçalves Casimiro Marques. Três vezes espargue agua benta, três vezes levanta o turbulo ardente de aromas. Ha uma vertigem de emoção. A sombra negra da multidão ajoelha no marmore dos Jeronimos. A cerimonia é rapida. Junqueiro é levado agora para a capela do baptismo, que fica sob o córo e á direita de quem entra. Está em frente da capela do Senhor dos Passos.

A um canto, coberto de luto, Garrett e João de Deus. No meio fica Junqueiro. Ha um vitrado. Ha ossadas de santos. Ha um Cristo crucificado.

Beethoven chora outra vez. Pelas ruas, agora, vão os cortejos do povo, a caminho da cidade...